

A (RE)SIGNIFICAÇÃO DA NOÇÃO DE ESPAÇO NA GEOGRAFIA ESCOLAR: A
CONTRIBUIÇÃO DA POÉTICA BACHELARDIANA E DA TEORIA DO IMAGINÁRIO

EDUARDO PIMENTEL MENEZES (UERJ)
epmenezes@ig.com.br

FABIO BARROS DE MATOS (MPU)
fabiovmatos@hotmail.com

EIXO TEMÁTICO: 2: SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM DE
GEOGRAFIA NA AMÉRICA LATINA

RESUMO

O presente trabalho propõe contribuir para a construção de uma reflexão sobre a relação entre o imaginário, em uma perspectiva fenomenológica e a poética de Gaston Bachelard, com a construção da noção de espaço na criança a partir das teorias desenvolvidas na Geografia. O objetivo do trabalho é examinar a produção teórica acerca da construção da noção de espaço na criança, construída por autores que estudam a temática na Geografia e refletir sobre a possibilidade de acrescentar alguns elementos conceituais relacionados ao imaginário.

ABSTRACT

This paper proposes to contribute to the construction of a reflection on the relationship between the imaginary, in a phenomenological perspective and poetics of Gaston Bachelard, with the construction of the notion of space in the child from the theories developed in Geography. The objective of this study is to examine the theoretical production about the construction of the notion of space in the child, built by authors who study the topic in geography and reflect on the possibility of adding some conceptual elements related to the imaginary.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço, Imaginário, Geografia e Educação

Devaneio, contemplação e representação: o onirismo (geográfico)

Acreditamos que o ser que medita é primeiro o que sonha. Antes da representação, o mundo imaginado está justamente colocado antes do mundo representado, o universo está colocado exatamente antes do objeto. O conhecimento poético do mundo precede o conhecimento racional dos objetos. O mundo é belo antes de ser verdadeiro. O mundo é admirado antes de ser verdadeiro. Toda primitividade pode ser considerada onirismo puro.

Se o mundo não fosse a princípio o devaneio de cada um de nós, o meu devaneio, então o meu ser seria encerrado em suas representações, sempre contemporâneo e escravo de suas sensações. Privado da vacância do sonho, ele não poderia tomar consciência de suas representações. O ser, para tomar consciência de sua faculdade de representação, deve passar pelo estado de vidente puro, realizando a visão pura.

Bachelard (2001) propõe alguns elementos a se pensar para construir uma teoria da representação. Primeiro seria o devaneio ou a admiração. A admiração é um devaneio instantâneo. Depois teríamos a contemplação, estranho poder da alma humana capaz de ressuscitar seus devaneios, de recomeçar seus sonhos, de reconstituir, apesar dos acidentes da vida sensível, sua vida imaginária. A contemplação une mais ainda lembranças que sensações. É mais ainda história que espetáculo. É quando acreditamos contemplar um espetáculo de riqueza que o enriquecemos com as lembranças mais diversas. E por fim, a representação. É então que intervêm as tarefas da imaginação das formas com a reflexão sobre as formas reconhecidas com a memória. Esse processo deixa nítida a relação com a representação espacial feita pela criança a partir do seu corpo. É o espaço da ação corpórea da criança, que a mesma acaricia as formas ao seu redor e cria representações das mesmas.

Estamos a defender o papel fundamental da imaginação. É uma longa evolução imaginativa a que nos leva do devaneio a um conhecimento discursivo da beleza das formas. Uma metafísica do conhecimento utilitário explica o homem como um grupo de reflexos condicionados. Deixa de fora do exame o homem que sonha e o homem sonhador. É preciso restituir à imagem o seu psiquismo primitivo.

Para circunscrever-nos aos problemas da imaginação, é necessário considerar que estamos representando aqui um difícil paradoxo, que consistiria em provar o caráter primordial da mesma ao descrever a atividade de um tipo de imaginação sem imagens, de uma imaginação que encontra seu gozo, sua vida, apagando as imagens. Aceitamos então que a imagem literária possui uma dimensão a mais do que a imagem visual, já que possui a lembrança e permite

compreender que algumas obras literárias possam falar das “paisagens da alma”, paisagens infinitas como o espaço e o tempo, cuja aparição suscita em nós um novo sentido superior a todos os sentidos.

Acostumamos a pensar a natureza sob o ponto de vista de sua objetividade e racionalidade e esquecemos a dimensão do sonho, do onirismo e do devaneio. O céu estrelado, por exemplo, nos é dado também para sonhar e não apenas para conhecer. É um convite aos sonhos constelantes, à construção fácil e efêmera das mil figuras dos nossos desejos; as estrelas que nos ajudam a fixar, comunicar e reencontra os sonhos.

Por esta razão é que Bachelard (2001) defende a ideia de que o consciente mal feito, o consciente acabado é tão nocivo para a alma sonhadora quanto o inconsciente amorfo ou deformado. O psiquismo deve encontrar o equilíbrio entre o imaginado e o conhecido. Esse equilíbrio não ocorre com as substituições em que as forças imaginantes se veem associadas a esquemas arbitrários. A imaginação é uma força primeira. Deve nascer na solidão do ser imaginante. Para isso, devemos estimular uma literatura que não tenha pressa, que nos deixe tempo para ler suas imagens.

As nuvens constituem-se entre os objetos poéticos mais oníricos. São os objetos de um onirismo pleno do dia. Ocasionalmente devaneios fáceis e efêmeros. Por um momento estamos nas nuvens e, ao voltarmos a terra, somos ridicularizados pelos homens positivos. O devaneio das nuvens recebe um aspecto psicológico específico, o que seria um devaneio sem responsabilidade.

As nuvens também nos trazem o movimento. As coisas são mais distintas entre si, mais estranhas, para nós, quando são imóveis. Quando começam a se mover, despertam em nós desejos e necessidades adormecidos. Matéria, movimento, necessidade e desejo são inseparáveis. Para isso, contamos com a contribuição dos poetas. Os poetas possuem como principal tarefa a de libertar em nós a possibilidade de sonhar. A poesia, assim como as nuvens, também representa o movimento, o devir poético, e não um mundo das formas. Também podemos considerar a poesia como a arte do dinamismo psíquico.

O pensamento erudito aceitou sem grandes resistências as hipóteses da ciência moderna. Torna-se necessário resgatar pensamentos esses que foram abandonados para consolidar uma razão, necessária no período de consolidação da ciência moderna, mas que hoje já não é tão necessária. Na relação sociedade natureza, podemos destacar que o artesão, ao trabalhar com a madeira, não consegue apagar a imagem da árvore viva. Em suas fibras, a madeira conserva sempre a lembrança do vigor vertical e não é sem habilidade que se luta

contra o sentido da madeira, contra as suas fibras. Hoje percebemos que a imagem da árvore não se encontra presente no trabalho com a madeira.

Numa época de pragmatismo generalizado, observamos a tendência em explicar tudo pela utilidade. Como nos faz lembrar Bachelard (2001), a árvore sagrada da Assíria é simplesmente uma síntese das plantas outrora veneradas na região, em vista de seus serviços: a palmeira em função de suas tâmaras, a vinha em função de seu sumo, o pinheiro em função das madeiras utilizadas para a construção e para o aquecimento. Esse conglomerado de utilidades nos reporta ao conceito do útil. Mesmo assim, essas utilidades são insuficientes para explicar o sonho mítico. Nem tudo se explica pela associação das ideias e das formas. É preciso também estudar a associação dos sonhos. A este respeito, o conhecimento dos mitos deve ser uma reação contra as explicações clássicas da poesia, e é de admirar a ausência de qualquer estudo sério da mitologia na educação do nosso tempo. Ao invés de vivermos uma imagem objetiva de uma árvore, por exemplo, o vegetalismo imagina as diversas estações do ano como forças vegetais primitivas. Vive o devaneio de uma árvore que produz as estações, que obriga a floresta a brotar, que dá sua seiva a toda a natureza, que chama as brisas para agir sobre as folhagens. É o sonho de uma árvore que renova o seu poder cosmogônico.

Há muito tempo nos distanciamos da relação com um tempo compreendido e percebido pela natureza, onde os ritmos do tempo e a nossa percepção do mesmo acontecia em simbiose, com a percepção de natureza da qual fazia parte. O tempo dos ritmos da natureza, do entardecer, anoitecer, nascer, crescer, morrer, das estações do ano etc. Bachelard (2001, p. 228) nos chama atenção para as fantasias florais de um botânico, que nos faz pensar na possibilidade de revelar nossas percepções de tempo mais primitivas. O botânico plantava em seu jardim um relógio de flores. Cada planta abria em uma hora particular, obedecendo aos apelos do Sol. Ao pensarmos que o escravo é o senhor e que o canteiro de flores comanda a luz, os racionalistas riem. Só que o sonho não segue o caminho da razão. Quanto mais forte é a razão que se opõe a um sonho, mais o sonho aprofunda as suas imagens. Quando pensamos o sonho pela sua dimensão externa, o reconhecemos apenas como um absurdo, uma paródia da vida onírica. E é justamente pelo sonho e pelo devaneio que poderemos chegar a uma unidade.

O vento pode ser associado a diferentes formas de se relacionar com o espaço e de compreendê-lo. Bachelard (2001) nos lembra de comunidades, como os iacutos, em que não se deve assobiar nas montanhas e perturbar o repouso dos ventos que dormem. Os canacas assobiam ou não assobiam de acordo com as épocas do ano em que os alísios devem ser chamados ou temidos. Até hoje é possível perceber o comportamento de pessoas em cidades do interior do Brasil, que assobiam para chamar o vento em dias quentes e sem ventos no verão.

Essas lendas nos fazem perceber a atividade imaginária presentes em nosso comportamento e que não recebem nem um pouco de atenção por parte dos estudos realizados na Geografia da escola. Na lenda árabe, a criação do cavalo associa-se ao vento. Dizem que quando Deus se decidiu a criar o cavalo, chamou o vento do sul e disse-lhe que queria tirar do teu seio um novo ser, condensando-o e despojando-o de sua fluidez. No que foi obedecido, tomando então um punhado desse elemento, soprando-o e fazendo o cavalo aparecer. Para muitos sonhadores, os quatro pontos cardeais são, sobretudo, quatro pátrias dos grandes ventos. Como afirma o nosso autor em questão, é necessário desenvolver o caráter dinâmico do exagero imaginário. Sem esse exagero, a vida não teria como se desenvolver. Torna-se necessário que a imaginação tome muito para que o pensamento tenha o bastante. É preciso que a vontade imagine muito para realizar bastante.

As imagens não devem constituir-se em simples metáforas, não se apresentam apenas para suprir as insuficiências da linguagem conceitual. As imagens da vida se integram à própria vida. Não se poderia conhecer melhor a vida que na produção de suas imagens. A imaginação se constituiria em um domínio para meditação da vida. É pela imagem que se produz a mudança. Conhecer as imagens do verbo, as imagens de que vivem e que vivem sob os nossos pensamentos, daria uma promoção natural aos mesmos. Uma filosofia que se ocupa do destino humano deve, então, não apenas confessar as suas imagens como adaptar-se a elas, continuar-lhes o movimento, permitindo-lhe a soma do pensamento e do sonho.

Espaço e Poesia: a inspiração de Bachelard a partir da casa

Para refletir sobre as possibilidades de se pensar o espaço a partir de uma dimensão poética do imaginário, do devaneio e do onirismo, torna-se necessário pensar sobre uma possível fenomenologia da imaginação. De acordo com Bachelard (2005), esta fenomenologia caracteriza-se por ser um estudo do fenômeno da imagem poética quando esta emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua atualidade. Estamos falando em um processo de examinar imagens, imagens simples, imagens de um espaço feliz. Que grande importância constitui essa possibilidade. Quando pensamos no espaço escolar e as noções e concepções construídas nesse espaço, nos questionamos como as imagens de um espaço, feliz, pode contribuir para a formação intelectual de uma criança? De

que forma essa possibilidade permite e interfere na construção da noção de espaço pela criança? Nessa perspectiva, essas investigações estariam relacionadas ao nome topofilia. Estariam relacionadas a perceber o valor humano dos espaços de posse, dos espaços defendidos contra forças adversas, dos espaços amados. Por esta razão, o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à possibilidade de mensuração e à reflexão geométrica pura e simples. É o espaço vivido não apenas em sua positividade, mas em todas as parcialidades da imaginação. Vejamos o exemplo de que um aluno de licenciatura reproduz a partir de Woods:

*Quando me colocaram em uma escola: um jardim-da-infância,
percebi que havia envelhecido um pouco, pois me tiraram bastante da minha liberdade de ir, de vir(...) .Foi um choque, que logo deve ter sido assimilado, pois devo ter acreditado na necessidade da escola e também que seria algo irreversível. (p.90)*

Outra contribuição que julgamos pertinente abordar, refere-se à análise do lugar imaginário chamado “Brincadeira” na obra de Guadalupi & Manguel (1999):

País encantado onde tudo parece desmensurado aos olhos de seus habitantes minúsculos. Os trevos são árvores, poças d’água são oceanos em que as folhas navegam como se fossem navios. Além de alguns insetos, como mangangás, aranhas, moscas, formigas e libélulas, a terra da Brincadeira é habitada por pequenas criaturas amáveis, de olhos adoráveis, vestidas com armaduras verdes, pretas, púrpuras, douradas ou azuis. Alguns desses seres têm asas, mas poucos as usam e passam o dia observando os viajantes (que devem ser minúsculos) velejando nos mares de poças d’água.

Chega-se à terra de Brincadeira fechando os olhos e voando pelo ar. A viagem de volta é sempre surpreendente, em razão do contraste entre esse mundo em miniatura e o tamanho dos objetos do mundo cotidiano. (Robert Louis Stevenson, “The Little Land”, em A child’s garden of verses, Londres, 1885). (P. 68)

Seria possível transformar os espaços escolares em um país da Brincadeira? Existe a possibilidade de criação de tais espaços físicos e mentais? Os espaços escolares ainda encontram-se associados aos espaços da casa?

Quando pensamos na imagem da casa, construímos um verdadeiro princípio de integração psicológica. Bachelard (2005) chama esse princípio de topoanálise. É como se a imagem da casa se tornasse a topografia do nosso ser íntimo. Bachelard (2005) utiliza C.G. Jung para comparar a estrutura de um prédio à estrutura de nossa alma. Em um edifício, no qual o andar superior teria sido construído no século XIX, o térreo no século XVI, a partir de uma torre do século II, o porão com fundações romanas, abaixo do porão restos de fauna glacial, poderíamos atribuir essa complexidade têmporo-espacial à formação de nossa alma, tornando a casa um instrumento de análise para a alma humana. Para tal tentativa, torna-se necessário buscar um distanciamento das evidências geométricas do espaço, podendo ser retomado e resignificado no movimento de reconstrução das articulações desses espaços.

Outra questão relacionada ao espaço na Geografia versa sobre a descrição. Sabemos que a Geografia possui uma tradição de descrição, que não acreditamos que deva ser destruída, mas que precisa ser aprimorada para coexistir com outras formas de raciocínio e pensamento. A junção da capacidade de descrição com a compreensão da fenomenologia nos parece ser um aspecto de grande relevância.

Bachelard (2005) chama atenção para importância do que considera a topoanálise, vista como um estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima. Nesse teatro do passado que é a memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. Por vezes, acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo; que no próprio passado, quando sai em busca do tempo perdido, quer surpreender o vôo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. Essa seria a função do espaço. O espaço também é o reencontro dos devaneios que vivenciamos nas nossas solidões. Pensamos a importância do espaço. O espaço é tudo, pois o tempo já não anima a memória. Não podemos reviver as durações abolidas. Só podemos pensá-las na linha de um tempo abstrato privado de qualquer espessura. É, pelo espaço, e no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados, por longas permanências. Daí a necessidade de superar o espaço como um termo que evoque apenas os matemáticos, a geometria (euclidiana) e seus teoremas, ou seja, um recipiente sem conteúdo. O espaço não pode mais ser visto como elemento que carrega todas as ilusões e erros (vale de lágrimas) e nem um meio vazio, recipiente indiferente ao conteúdo. Para isso as contradições não devem ser abolidas. Mesmo em Guadalupi & Manguel

(1999), os lugares imaginários também são contraditórios. Podemos observar na descrição do lugar imaginário chamado Brincadeiras:

...Viva os brinquedos, abaixo a escola. Em toda a cidade o visitante não encontrará o menor traço de escolas, professoras e livros. Foi decidido que às quintas-feiras e aos domingos as crianças não iriam à escola; por este motivo, a semana na cidade das Brincadeiras tem seis quintas e um domingo. As férias começam no dia 1º de janeiro e terminam em 31 de dezembro.

O único inconveniente da cidade das Brincadeiras é que, depois de cinco meses, as crianças que vivem ali se transformam em burros que vendidos com um bom lucro pelo homenzinho que conduz a carruagem. p. 70

O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas. Localizar uma lembrança no tempo não passa de uma preocupação biográfica e corresponde praticamente apenas a uma espécie de história externa, uma história para uso externo, pare ser contada aos outros. Mais urgente do que a localização das datas é, para o conhecimento da intimidade, a localização nos espaços da nossa intimidade. Daí a importância dos espaços que nos chamam para fora de nós mesmos. Como pergunta Bachelard (2005, pág.31) *Que pode haver de mais belo que um caminho?* É o símbolo e a imagem da vida ativa e variada. Toda pessoa deveria então falar de suas estradas, de suas encruzilhadas, de seus bancos. Toda pessoa deveria fazer o cadastro de seus campos perdidos. Teremos um mapa de nossos campos inscrito em nossas almas? Nesse contexto é que a ideia de que o espaço busca a ação a partir da imaginação, onde a topoanálise traz a marca de uma topofilia.

Quando se fala nos processos de construção da noção de espaço na criança, sempre pensamos em espaços próximos, numa escala local. A casa e a escola sempre aparecem como principais locais a serem explorados. Dessa forma, as nossas casas constituem-se em espaços que estão fisicamente inseridos em nós. Ela é um grupo de hábitos orgânicos. A nossa casa natal grava em nós a hierarquia das diversas formas de habitar. Somos o diagrama das funções de habitar aquela casa, formando uma ligação apaixonada ou não entre o nosso corpo e aquele espaço. A casa natal é um centro de sonhos. Existe para cada um de nós uma casa onírica, uma casa de lembrança-sonho, perdida na sombra de um além do passado verdadeiro. A casa

aparece também como um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade e segurança. Um espaço fundamental na construção de sua percepção. Podemos inclusive pensar na relação entre racionalidade e irracionalidade a partir das partes de uma casa. Podemos opor uma racionalidade do teto a uma irracionalidade do porão. O teto revela sua razão a partir do ato de cobrir o homem da chuva e do sol. Podemos pensar geograficamente a inclinação dos tetos de acordo com o clima de um lugar. Já o porão é o princípio do ser obscuro da casa, o ser que participa das potências subterrâneas. O sonho com o porão são as irracionalidades das profundezas. No porão, há trevas, dias e noites. Mesmo com uma vela na mão, as sombras aparecem e dançam em suas paredes.

Mas a casa na modernidade racionalista pode transformar-se em um lugar geométrico, com número de ruas e algarismos dos andares dos prédios. As casas perdem suas raízes e os prédios perdem os porões. É como se as casas não estivessem na natureza. As relações de moradias com os espaços tornam-se artificiais. Tudo acaba se transformando em máquina, onde as ruas da cidade são como tubos onde os homens são aspirados. Podemos falar da desterritorialização do espaço e sua respectiva construção do homem esquizofrênico de Deleuze e Guattari.

Para pensar o espaço da casa para além de sua racionalidade matemática (quadrados, triângulos, retângulos etc.), Bachelard (2005) nos faz refletir sobre a verticalidade da casa onírica, onde o sonho e a fantasia estejam presentes. Como estudar a construção da noção de espaço na criança, usando apenas as relações de distância e proximidade e não levar em consideração o onirismo e a fantasia que o espaço da casa, da escola etc. proporciona à criança?

Quando pensamos em um refúgio de nossa casa moderna, urbana e racional, pensamos e sonhamos com espaços como uma cabana. A cabana apresenta-se como a possibilidade do reencontro com o espaço da despreocupação, onde fugimos em pensamento para procurar um refúgio. Mas essa racionalização do espaço da casa não é por acaso. Existiu todo um processo histórico pelo qual o Ocidente europeu foi paulatinamente construindo uma ideia de espaço geométrico e racional, pelo qual possuímos uma percepção que ainda hoje perdura.

Para observar a importância da simbologia dos espaços da casa, começamos a refletir sobre a relação entre metáfora e imagem. É possível encontrarmos um ambiente rico em metáforas e pobre em imagens. A metáfora é relativa a um ser psíquico diferente dela. Já a imagem extrai todo o seu ser da imaginação.

Metáforas como a da gaveta nos faz pensar sobre os conceitos. Os conceitos seriam gavetas que servem para classificar os conhecimentos, seriam roupas de confecção que desindividualizam conhecimentos vividos. Para cada conceito há sempre uma gaveta no móvel das categorias. O conceito é um pensamento morto, já que é pensamento classificado. Bachelard (2005) observa a metáfora como algo pejorativo, não podendo ser, inclusive, objeto de estudo da fenomenologia. Acredita inclusive ser perigoso transformá-la em pensamento. A metáfora se constituiria em uma falsa imagem.

Retomemos a discussão sobre a importância da imaginação. A imaginação opera não somente nas dimensões geométricas, mas também nas forças, nas velocidades, não mais num espaço aumentado, mas num tempo acelerado. A imaginação possibilita uma liberdade para trabalhar o espaço e o tempo, dando vida às imagens mais simples. Nesta perspectiva geométrica e da imaginação, Bachelard (2005) nos chama atenção para o fato de que todo canto de uma casa, todo ângulo de um quarto, todo espaço reduzido onde gostamos de recolher-nos em nós mesmos, é para a imaginação, uma solidão. Sendo assim, por que haveríamos de descrever apenas a geometria de tal solidão? As imagens mais simples possibilitam os maiores sonhos.

Apreciar uma paisagem através de um pequeno espaço que constitui-se um refúgio da vida acelerada que as grandes cidades nos obriga, nos leva a ver a vida de forma menos linear e muito mais sinuosa. Perceber que por entre as montanhas os espaços que sobem e descem os seus contornos, nos remete a imaginar que a vida não é somente uma linha reta, ou que os espaços não são tão limitados como nos apresentam em um primeiro momento. A cartografia nos engana. O olhar do alto muito vezes nos leva a imaginar caminhos ou pontos próximos. Porém, ao se envereda por entre a mata ou montanhas nós descobrimos que as distâncias são muito maiores devido as diferenças de altitude do relevo.

Da mesma forma, ao apreciarmos a imensidão do mar podemos nos engana ao acreditar que na linha do horizonte, a distância máxima que o olhar humano alcança, existe o fim do oceano. Precisamos nos entregar ao imaginário e transformar as distâncias entre eventualmente dois pontos que podem ser avistados.

Se entregar à imaginação talvez seja o segredo para conectar a abstração do pensamento à realidade fática geograficamente falando;

A Escola, como espaço de reprodução do discurso científico, praticamente descarta a imaginação. O cientista tem como disciplina a objetividade que interrompe todos os devaneios da imaginação. Já o poeta nucleariza a paisagem, onde através da fantasia dotou o espaço de múltiplas curvaturas, ou seja, um espaço curvo e reimaniano da fantasia. Só que nós tomamos

os documentos literários como realidade da imaginação, como puros produtos da imaginação. Mas por que os atos da imaginação não haveriam de ser tão reais quanto os atos da percepção? No que diz respeito ao espaço, é preciso amá-lo para descrevê-lo tão minuciosamente, como se nele houvesse molécula de mundo, para enclausurar todo um espetáculo numa molécula de desenho. A própria imagem realiza um trabalho de espaço em nós. A imagem não se deixa medir. Por mais que fale de espaço, ela muda de grandeza. O menor valor amplia-se, eleva-se, multiplica-a, onde o sonhador converte-se no ser da sua imagem, absorve o espaço da sua imagem.

A percepção do espaço a partir do devaneio pode transformar nossa forma de construir uma imagem de mundo e pode contribuir em muito para muitas das limitações da Geografia que se ensina. Construir imagens pelo devaneio pode ser um exercício de grande magnitude no aprendizado espacial/ geográfico. Quando falamos da imensidão de uma floresta, por exemplo, essa imensidão nasce de um corpo de impressões que não derivam realmente de ensinamentos da Geografia. A floresta, com o mistério de seu espaço indefinidamente prolongado, um espaço velado para os olhos mas transparente à ação.

A floresta sagrada é sagrada pela tradição de sua natureza, longe de qualquer história dos homens. Antes que os deuses aí chegassem, os bosques eram sagrados. Os deuses vieram habitar os bosques sagrados. Não fizeram mais do que acrescentar singularidades humanas à grande lei do devaneio da floresta.

Mesmo quando um poeta menciona uma dimensão geográfica, sabe por instinto que essa dimensão é lida localmente porque enraizada num valor onírico particular. A floresta é um estado de alma, tanto é que a floresta ancestral é uma imagem para livros infantis.

Com o devaneio, o espaço ganha uma elasticidade, estendendo-se sem limite. O espaço da exaltação transpõe qualquer limite físico, aparecendo distâncias verdadeiras. Nesse tipo de distância, observamos a infinidade do espaço íntimo. Ao trabalharmos com a palavra “vasto”, estamos encerrando um pobre significado de geometria objetiva. Propomos a reflexão e o pensamento para longe das paredes das prisões quiméricas que nos angustiam.

Como pensar as noções de distância, próximo, distante etc., sem considerar que a imensidão é uma categoria da imaginação poética e não somente uma ideia geral formada na contemplação de espetáculos grandiosos? Bachelard (2005) nos fala de sua experiência de ter visto o mar pela primeira vez. O autor narra que a primeira vez que viu o mar teve o mais desagradável dos desencantos. Acreditou estar vendo uma das longas planícies plantadas de beterraba que encontrava nos arredores de Paris, entrecortadas de canteiros de couves e de faixas ruivas de cevada. As velas distantes pareciam asas dos pombos que regressam. A

perspectiva parecia, ao autor, estreita. Os quadros dos pintores haviam apresentado, para ele, o mar como algo muito maior. Foram necessários três dias para que ele redescobrisse o sentimento de imensidão.

Ainda em uma citação de Rilke (in BACHELARD, 2005) presenciamos a seguinte sensação sobre o espaço:

*O espaço, fora de nós, ganha e traduz as coisas:
Se quiseres conquistar a existência de uma árvore,
Reveste-a de espaço interno, esse espaço
Que tem seu ser em ti. Cerca-a de coações.
Ela não tem limite, e só se torna realmente uma árvore
Quando se ordena no seio da tua renúncia.(p.204)*

Tanto o espaço íntimo, como o espaço exterior, vêm constantemente estimular um ao outro em seu crescimento. O espaço vivido como um espaço afetivo não desce, entretanto, à raiz dos sonhos da espacialidade. O poeta vai mais fundo, descobrindo com o espaço poético um espaço que não nos encerra numa afetividade. Qualquer que seja a afetividade que matize um espaço, mesmo que seja triste ou pesada, assim que é expressa, poeticamente expressa, a tristeza se modera, o peso se alivia. Por ser o espaço poético expresso, o mesmo adquire valores de expansão. É a convivência com a espacialidade poética que permite a união entre a intimidade profunda e a extensão indefinida.

O espaço surge para o poeta como o sujeito do verbo crescer. Quando um espaço é um valor – e haverá valor maior do que a intimidade? – ele cresce. O espaço valorizado é um verbo. Dar seu espaço poético a um objeto é dar-lhe mais espaço do que aquele que ele tem objetivamente, seguindo a expansão de seu espaço íntimo. O espaço não está em parte alguma. O espaço está em si mesmo, como o mel no favo. No reino das imagens, o mel no favo não obedece à dialética elementar do conteúdo e do continente.

Pensamos cada matéria com a conquista de seu espaço, seu poder de expansão para além das superfícies, pelas quais um geômetra gostaria de defini-la. Parece, então, que é por sua imensidão que os dois espaços – da intimidade e do mundo – tornam-se consoantes. Quando a grande solidão do homem se aprofunda, as duas imensidões se tocam, se confundem.

Como é concreta a coexistência das coisas num espaço que duplicamos com a consciência de nossa existência. Cada objetivo investido de espaço íntimo transforma-se, nesse coexistencialismo, em centro de todo o espaço. Para cada objeto, o distante é o presente, o horizonte tem tanta existência quanto o centro.

Após refletir sobre o espaço, convidamos a um pensamento sobre as planícies. Para Bachelard (2005), a planície é o sentimento que nos faz crescer, já que todo sentimento que nos faz crescer planifica a nossa situação no mundo. Bachelard (2005) afirma que na planície estamos sempre ausentes de nós mesmos, sem estar presente em parte alguma, justificando essa inconsistência de tais devaneios aos espaços ilimitados que os favorecem. A planície é geralmente considerada como um mundo simplificado. Um dos encantos da fenomenologia da imaginação poética é poder viver uma nuance nova diante de um espetáculo que convida à uniformidade, que se resume numa ideia. Sonhamos então sobre o mapa, sonhamos como geógrafo. Essas palavras nos ajudam a tentar buscar a relação e a correspondência entre a imensidade do espaço do mundo e a profundidade do espaço interior. Esse espaço interior não pode ser observado apenas pela questão orgânica e biológica, mas pela construção de um espaço fruto da interface entre a realidade objetiva e do devaneio, do onirismo, da fantasia, da imagem e do sonho.

Procurar o baixo, o alto, a esquerda ou a direita num mundo tão unificado por sua substância é pensar, não é viver. O ilimitado não está tão facilmente ao nosso alcance. Basta então sonhar com a profundidade que não teremos a necessidade de medida para vivenciar. Bachelard (2005) ainda nos brinda com observações de paisagens geográficas que nos permitem pensar sobre nós mesmos. O autor afirma que no Deserto a operação mágica que, em águas profundas, permite ao mergulhador desfazer os laços comuns do tempo e do espaço, também é o mesmo que faz a vida relacionar-se com um obscuro poema interior.

Descer na água ou errar no deserto é mudar de espaço, e mudando de espaço, deixando o espaço das sensibilidades usuais, entramos em comunicação com um espaço psiquicamente inovador. Essa mudança de espaço concreto não pode ser mais apenas uma simples operação mental, como seria a do relativismo das geometrias. Não se muda de lugar, e sim de natureza. Quando Bachelard (2005) afirma: *na imaginação, eu inundava o espaço que me cercava e no centro do qual caminhava* (p.211), o autor nos permite refletir sobre a capacidade criativa e sonhadora da construção do espaço por parte de cada um de nós e não apenas sob o ponto de vista de uma racionalidade objetivista. Essa situação nos permite estar sempre em outro lugar, num lugar absoluto que atua como obstáculo para as forças que nos retêm na prisão do aqui. O tempo e o espaço estão aqui sob o domínio da imagem. O espaço é o amigo do ser e não apenas uma construção racional.

O interior e o exterior apresentam-se como uma dialética de esartejamento e como a geometria dessa relação dialética nos impede de ver a partir do momento em que a introduzimos

em âmbitos metafóricos. De acordo com Bachelard (2005), a metafísica mais profunda está enraizada numa geometria implícita, numa geometria que espacializa o pensamento. Ainda afirma sobre a agressividade da dialética do mito do exterior e do interior. O mito do exterior e do interior seria o da alienação que se baseia nesses dois termos. O que se traduz em sua oposição se tornaria mais adiante uma alienação e uma hostilidade entre ambos. Tornaria simples oposição geométrica da agressividade.

Devemos então desconfiar dos privilégios da evidência que pertencem às intuições geométricas. O ser não se vê. O ser não se desenha. Do ponto de vista das expressões geométricas, a dialética do exterior e do interior apóia-se num geometrismo reforçado em que os limites constituem barreiras. Podemos pensar nas fronteiras entre países: essas fronteiras constituem barreiras, obstáculos ou são áreas de contato e de aproximação? O geometrismo registra intuições definitivas. É pela imagem e por sua capacidade de amplificação que acreditamos que repercutimos acima ou à margem das certezas racionais. Bachelard (2005) afirma que o espaço constitui-se nessa dialética do exterior-interior, ou como espaço equívoco, onde o espírito perde sua pátria geométrica e a alma flutua. Quando o autor afirma que o excesso de espaço nos sufoca de forma mais intensa do que sua falta, podemos observar sua relação com a dificuldade de crianças ocuparem espaços amplos, preferindo brincar em espaços menores ou parte de espaços amplos, ou até mesmo ocupando parte de uma grande folha em branco para expressar seus desenhos.

A relação entre interior e exterior não é abandonada à sua oposição geométrica. A oposição entre o interior e o exterior já não é mais medida por sua evidência geométrica. Quando comparamos as expressões: recuar o espaço diante dele e deixar o espaço atrás de si, podemos perceber duas formas de pensar o espaço. Numa meditação sobre o ser, é muito comum colocar o espaço entre parênteses, deixando o espaço atrás de si. A segunda maneira já não é assim. O poder que faz recuar o espaço, que põe o espaço para fora, que expulsa o espaço para que o ser que medita seja livre no seu pensamento. Será que o espaço, fruto de uma concepção geométrica, nos impede de sermos livres para um pensamento que não se encontra ancorado nessa percepção matemática de mundo? Quando nos encontramos na idade de imaginar, não sabemos dizer como e por que se imagina. Quando se pode dizer como se imagina, já não se imagina. Seria preciso desamadurecer.

Como já afirmaram grandes poetas e escritores que vivenciaram amarguras em prisões, estes destacavam que a única coisa que jamais poderia ser aprisionada era justamente a imaginação. A imaginação pode nos proporcionar a poesia mais significativa, as andanças mais

fantástica, mesmo que eu me encontre na prisão mais distante e recolhida do mundo. Mesmo em qualquer situação, jamais perdemos nossos sentimentos e nossa “alma”.

O ato de imaginar nos liberta da crença de que muitos espaços expressam muito mais do que a manifestação concreta de seus prédios, montanhas, planícies e estradas. Nestes espaços, está contido um caráter particular, próprio, em que as suas respectivas significações extrapolam suas dimensões físicas e sua utilização material. Podemos considerar esses espaços a partir de uma dimensão identitária, onde se cria um tipo de leitura simbólica, podendo ser poética, sagrada e, até mesmo, folclórica. São espaços dos quais se projetam uma dimensão estética, capaz de dinamizar uma identidade coletiva e/ou espacial. Em Bosi (2006) é possível verificar o significado da relação identitária que acabamos de comentar:

Outro dia, caminhando para o viaduto do Chá, observava como tudo havia mudado em volta, ou quase tudo. O Teatro Municipal repintado de cores vivas, ostentava sua qualidade de vestígio destacado do conjunto urbano. Nesse momento descobri sob meus pés, as pedras do calçamento, as mesmas que pisei na infância. Senti um grande conforto. Percebi com satisfação a relação familiar dos colegiais, dos namorados, dos vendedores ambulantes com as esculturas trágicas da ópera que habitam o jardim do teatro.

Os dedos de bronze de um jovem reclinado numa coluna da escada continuam sendo polidos pelas mãos que o tocam para conseguir ajuda em seus males de amor.

As pedras resistiram e em íntima comunhão com elas os meninos brincando nos lances da escada, os mendigos nos desvãos, os namorados juntos às muretas, os bêbados no chão. (P. 13)

É justamente em relação a essa capacidade de estabelecer e reconhecer essa sensibilidade com o espaço que a imaginação e a poesia potencializam construir e conceber. De acordo com Haeney (1995), a poesia se constitui, acima de tudo, em proporcionar a liberdade de sentimentos e da imaginação. A ficção poética e o sonho de espaços diferentes alimentam os governos e os revolucionários. É como se a poesia se constituísse em um tipo de violência interior, que nos protegeria da violência exterior, onde a imaginação ajuda a conter as pressões da realidade. A questão que se estabelece é que o cotidiano do homem contemporâneo, caracterizado por fortes sinais de individualismo a partir de uma lógica mercantil-consumista, acaba sufocando a nossa dimensão poética e imaginação criadora. Esse processo auxilia na

perda de nossa identidade com a natureza, que é o alimento maior para a recriação simbólico-poética do/com o mundo.

Considerações Finais

Se considerarmos a Geografia como um mundo a ser decifrado (des-cifrar), a partir de uma dimensão científica, poética ou de um romance, cada um de nós deveremos ser considerados mais do que instrumentos utilitários e levar em conta nossa dimensão relacionada à emoção e à sensibilidade. Que misteriosa geograficidade encontra-se artisticamente desenhada entre a Terra e o homem? Compreender essa relação apenas com instrumentos vindos do mundo da razão, da objetividade e da crítica, mesmo que essenciais, não podem ser considerados suficientes. Frémont (1980) chama atenção para a necessidade do surgimento de uma pedagogia do espaço criativo que leve em conta a capacidade de descobrir, de pensar, de sonhar e de criar o espaço. Seria essa uma pedagogia nova para um espaço vivido.

Como vimos anteriormente, a partir de 1935 Bachelard iniciou a pesquisa sobre os processos de imaginação criadora em cinco obras destinadas aos elementos da natureza – fogo, ar, água e terra –, a estudos temáticos como na poética do espaço e teóricos presente na poética do devaneio. O autor explorou os dois polos opostos e complementares do psiquismo humano, a conceitualização e o devaneio, que culminam na ciência e na poesia. Bachelard quis experimentar por ele mesmo as imagens, seja dentro dos devaneios espontâneos, seja na leitura atenta, para reencontrar fenomenologicamente os processos da imaginação criadora. Ele acabou adquirindo a convicção de que as imagens formam a instância imediata e universal do psiquismo, onde não há imagens sem imaginação. A imaginação trabalha sobre as imagens, independentes e mesmo anteriores às representações da percepção. A imaginação opõe a natureza das coisas ao real, um mudo irreal, surreal, mas que tem a mesma consistência, a mesma realidade que o real objetivo. Por esta razão é que a imaginação vai sempre em direção aos devaneios felizes, porque ela é a resposta do querer-viver à dificuldade de viver na realidade exterior.

A poética bachelardiana é a do Homo Faber, cultivada e conservada pela civilização pré-industrial, pelos mitos, pelas lendas, pelos contos e pelo folclore. Também se deleita sobre o fato da imaginação se confundir com o espaço-temporização da consciência. Ela ativa uma conquista psicológica do espaço. Essa gênese espacial da identidade é inseparável de uma apropriação do

tempo. Se o tempo é descontínuo e feito de instantes separados que confrontam sem parar o sujeito a um vazio, o devaneio permite engajar a consciência.

Para Bachelard, de acordo com Pita (2005), as imagens obedecem a uma dialética e a uma rítmica, que não têm nada a desejar ao conceito. O imaginário é dotado de uma autonomia, de uma consistência, que permite retirar propriedades gerais e coerentes de um mundo e de determinar leis de uma física onírica. O filósofo opta por um idealismo da imagem contra um realismo que conduziria a fazer da imagem um duplo empobrecido do percebido, ele aplica um realismo ao mundo da imagem. A imaginação consiste em um meio para o homem se aliviar, curar-se de seus desajustes psíquicos, de sua estrutura neurótica, uma vez que seu mal existencial está marcado pela angústia e pelos medos primitivos. Assim, as imagens possuem um coeficiente de equilíbrio, de libertação e de felicidade. Mesmo em contato com imagens negativas, a imaginação encontra mecanismos para compensar seu lado sombrio e para trazer um devaneio feliz. Em suma, a sua concepção do imaginário faz relação com a cosmologia dos pré-socráticos, com as relações da razão e da imaginação nos pensadores do Renascimento, com as suas instituições e as operações de alquimia, enquanto conjugava materialismo e espiritualismo.

Urge pensarmos na relevância de valorizar a beleza de um texto escrito, nos ajudando a refletir não apenas sua importância na possibilidade de explicar, mas também na capacidade de compreender, conquistando o leitor não apenas pela razão, mas também pela sua dimensão estética. Mesmo que isso se constitua em um processo distante do cotidiano vivenciado, não podemos desconsiderar que seria um grande avanço, na medida em que a criança e o adolescente contemporâneo, assim como o adulto, é um apaixonado por novas paisagens, jogos geopolíticos do mundo e pela diversidade de identidades. Propomos auxiliar no processo de recomposição da metade do homem perdido.

Podemos observar uma forte contribuição para o presente pensamento na utopia comunicativa de Habermans. Para o autor, haveria um tipo de situação ideal, em que os homens conseguiriam atingir uma compreensão sobre as coisas vinculadas ao mundo objetivo, ao mundo social e ao mundo subjetivo das vivências e emoções. Seria uma interpretação das diferentes esferas, preservando as identidades, que deixariam de ser estanques.

Constitui-se assim uma possibilidade de mundo que rompe com os dualismos através de um mundo nunca acabado, assimilando a diversidade, a convivência com o conflito, numa busca incessante por uma sociedade menos opressiva e condicionadora. Acreditamos na possibilidade de uma pedagogia do imaginário geográfico que auxilie na formação de um indivíduo dotado da capacidade de (re)produzir, e de criar de forma livre para não se limitar às imposições da razão.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, R.D.** e **PASSINI, E.Y.** O espaço geográfico ensino e representação. São Paulo: Contexto, 2002.
- ALMEIDA, R.D.** Do desenho ao mapa. Iniciação cartográfica na escola. São Paulo: Contexto, 2003.
- ARAÚJO, A.F.** Imaginário Educacional: figuras e formas. Niterói: Intertexto, 2009.
- BACHELARD, G.** A terra e os devaneios da vontade. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____ A água e os sonhos. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____ O ar e os sonhos. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____ A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____ A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____ A terra e os devaneios do repouso. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____ A intuição do instante. Campinas, SP: Verus Editora, 2007.
- _____ A psicanálise do Fogo. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARBOSA, J.L.** A Arte de Representar como Reconhecimento do Mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. (in) GEOgraphia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. Niterói/RJ, UFF/EGG, 2000 – ANO II, n°3.
- BARRIOS, S.** In SANTOS, M. e SOUZA, M.A.(orgs). A Produção do Espaço. São Paulo: Ed. Nobel, 1986.
- BARROS, M.** O livro das Ignorças. São Paulo: Record, 2009.
- BARRES, M.** Los Desairragados. Madri: Catedra, 1996.
- BAUMAN, Z.** 2000. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- BOSI, E.** Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, J.** Dicionário Mítico-Etimológico, Volume I. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- _____. Dicionário Mítico-Etimológico, Volume II. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CADERNOS do CEDES; CENTRO DE ESTUDOS EDUCAÇÃO SOCIEDADE.** Vol. 1. São Paulo: Cortez, 1980.

- COLLODI, C.** Lê aventure di Pinocchio, Florença, 1883; As aventuras de Pinóquio, trad. Marina Colasanti, São Paulo, 2002.
- CASTELLAR, S.** (org.). Educação Geográfica teorias e práticas docentes. São Paulo: Contexto, 2005.
- CASTELLS, M.** 1977. The Urban Question. Londres, Edward Arnold; trad. De La Question Urbaine (1972), Paris, Maspero.
- CASSIRER, E.** A Filosofia das Formas Simbólicas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CAVALCANTI, L. S.** Geografia, escola e construção do conhecimento. Campinas, SP: Papyrus, 1988.
- CHARDIN, P.T.** O Fenômeno Humano. Porto: Tavares Martins, 1970.
- COPÉRNICO, N.** As Revoluções dos Orbes Celestes. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996.
- CORRÊA, Roberto Lobato.** (2001). Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- DOIN, R.** Do desenho ao Mapa: iniciação cartográfica na escola. São Paulo: Contexto, 2003.
- DUBORGEL, B.** Imaginário e Pedagogia. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- DURAND, G.** As estruturas antropológicas do imaginário. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____ A imaginação simbólica. Lisboa: Edições 70, 1993.
- _____ Campos do imaginário. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- EDWARDS, Carolyn.** As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- ENTERPRISES, N.E.Thing.** O Olho Mágico. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- FRÉMONT, A.** A região, espaço vivido. Coimbra: Almedina, 1980.
- FREUD, S.** Casos clínicos 1. São Paulo: Imago, 1997,
- GIDDENS, A.** 1991. As Consequências da Modernidade. S. Paulo, Ed. UNESP.
- GOODNOW, J.** Desenho de crianças. Trad. Maria Goreti Henriques. Lisboa: Moraes Editores, 1979.
- GUADALUPI, Gianni; MANGUEL, Alberto.** Dicionário dos lugares imaginários. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- HABERMANS, J.** Théorie de L'agir communicationnel. Paris: Fayard, 1981.
- _____, Educação, certezas e apostas. São Paulo: Unesp, 1998.
- HEANEY, S.** La poésie, Le redressement. Courier International, Paris, n° 261, 2 a 8 nov. 1995 (traduzido do jornal The Guardian).
- HAESBAERT, R.** Territórios Alternativos. São Paulo: Contexto, 2002.
- _____, R. O Mito da Desterritorialização. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.
- HARVEY, D.** 2001. Spaces of captial: towards a critical geography. Routledge, Nueva York.
- HESIÓDO.** A Origem dos Deuses. Rio de Janeiro: Terrano, JAA, 2006.
- _____, D. 1993. Condição Pós-moderna. São Paulo, Edições Loyola.
- HILLMAN, J.** Cem anos de psicoterapia...e o mundo está cada vez pior. São Paulo: Summus, 1995.
- _____. O Código do Ser: uma busca do caráter e da evolução pessoal. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JAMESON, F.** 2003. O Espaço, a Fronteira Final. São Paulo. Jornal Folha de São Paulo, 2 de novembro – caderno mais.
- LACOSTE, Y.** A Geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra. São Paulo: Papyrus, 2002.
- LEFEBVRE, H.** La Production de l'Espace. Paris: Anthropos, 1974.
- _____, H. 1976. Espacio y Política: el Derecho a la Ciudad II, Barcelona, Península.
- LOVELOCK, J.** A Vingança de Gaia. São Paulo: INTRÍNSECA, 2006.
- _____, H. 1999. A Revolução Urbana. Belo Horizonte, UFJG, Humanitas.
- MAFFESOLI, M.** A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- _____. O tempo das tribos. Rio de Janeiro: Forense, 1987.